

- base nas fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV-VII)". In: Andréa Doré; Luís Filipe Silvério Lima; Luiz Geraldo Silva. (Org.). *Facetas do Império na História: Conceitos e métodos*. 1ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, vol. 1, p.159, 2008.
- <sup>18</sup> ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. *O Império Romano*. São Paulo: Atlas, 1978, p.71.
- <sup>19</sup> FRIGHETTO, Renan. "Imperium et orbis: conceitos e definições com base nas fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV-VII)". In: Andréa Doré; Luís Filipe Silvério Lima; Luiz Geraldo Silva. (Org.). *Facetas do Império na História: Conceitos e métodos*. 1ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, vol. 1, p.149, 2008.
- <sup>20</sup> PLÁCIDO, D. "Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza e la tiranía". *Gerión*, Madrid, v.25, n.1, p. 153, 2007.
- <sup>21</sup> ALONSO TRONCOSO, V. "La paideia del príncipe y la ideología helenística de la realeza". *Gerión*, Madrid, v.23, n.9, p. 200, 2005.
- <sup>22</sup> Segundo a historiadora Maria José Hidalgo de La Vega, "La fundación de este Imperio como régimen político, en algunos aspectos, pretendía ser el heredero del imperio alejandrino y continuador de su programa civilizador y conquistador". In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. "Algunas reflexiones sobre los límites del oikoumene en el Imperio Romano". *Gerión*, Madrid, v.23, n.1. p. 275, 2005.

## A vida de Gonçalves Dias de Lúcia Miguel Pereira: um exemplo de biografia moderna em terras brasileiras

Andréa Camila de Faria\*

A escrita biográfica não se apresentou sob um modelo contínuo ao longo da história e suas variações dialogam, embora não coincidam, com as variações na história da escrita da História. O processo de laicização interferiu na forma de conceber a natureza humana, interferindo desta forma na maneira de escrever as ações humanas. Nesse sentido, os debates contemporâneos sobre a escrita biográfica contribuíram para o desenvolvimento de uma história do gênero, caminho percorrido, por exemplo, por Daniel Madelénat<sup>1</sup>.

Para o autor, dizer que algo tem uma história significa relacioná-lo a uma tradição, nesse caso, uma tradição vinda da cultura escrita do ocidente europeu, cujas heranças e desdobramentos estão ligados aos valores e práticas do mundo clássico, ou seja, da Antiguidade Greco-Romana. Ao dizer isso Madelénat estabelece uma tradição, mas também determina a historicidade da escrita da vida individual, criando uma chave de leitura através da periodização da escrita biográfica segundo três paradigmas, a saber: o paradigma clássico, que perduraria da Antiguidade ao século XVIII; o paradigma romântico, em vigor na virada do século XVIII para o XIX; e o paradigma moderno, iniciado no século XIX e consolidado no XX.

Pensando nessa renovação do biográfico ocorrida no século XX, Aguirre Rojas nos aponta que dentro do âmbito da chamada história *inovadora* desenvolvida no período, o gênero biográfico não gozava de muito prestígio, o que se dava pelo fato de as historiografias renovadoras da Europa Ocidental procurarem se afirmar em uma oposição direta à chamada historiografia positivista, dominante entre o final do século XIX e o início do XX. Oposição essa que levou a uma valorização dos processos coletivos em detrimento dos *grandes homens*, mas que isso, na esfera exterior a da historiografia não significou, de maneira alguma, que o gênero tivesse caído em desuso.

Rojas ressalta também que se a biografia tem como tarefa reconstruir a vida de um indivíduo, é preciso que se compreenda antes o que é um *indivíduo*, e nesse ponto ele, citando Marx, nos

lembra "que el individuo y la individualidad no son un *punto de partida* de la historia, sino por el contrario, más bien un *resultado* creado por ella"<sup>2</sup>. E nesse sentido ele afirma não ser possível construir uma biografia adequada sem se conhecer os níveis de progresso da individuação que os sujeitos conquistaram na curva evolutiva das civilizações humanas.

Essa ressalva de Rojas atenta para o cuidado para que a biografia não caia numa tentação de normalizar a vida do biografado, pois segundo ele, quando se conhece um determinado percurso biográfico tende-se a introduzir nele seu resultado desde sua origem. Mas atribuir naturalidade ao desenvolvimento individual de um sujeito não é ou era exclusividade dos biógrafos, Gonçalves Dias (1823-1864), o sujeito da biografia que será analisada aqui, queixava-se deste fato nos seguintes termos: "para os outros é muito natural: é muito natural que eu indo a Coimbra seja Bacharel, que eu sendo brasileiro esteja no Rio de Janeiro, e *que enfim eu faça versos tendo nascido poeta: ó santa natureza!*"<sup>3</sup>.

Nosso objetivo aqui é, então, não apenas problematizar uma *natureza* de Gonçalves Dias, mas principalmente pensar a imagem que dele foi construída por Lúcia Miguel Pereira em obra publicada em 1943 e que é hoje a biografia mais conhecida do poeta, sendo também aquela em que a autora pôde contar com maior vastidão documental, possuindo assim a marca das biografias modernas e estando sua produção inserida no chamado *boom* biográfico ocorrido em solo brasileiro na primeira metade do século XX.

Marcia Gonçalves, em seu estudo sobre a obra de Otávio Tarquínio de Sousa, comenta que entre finais da década de 1920 e os anos de 1930 e 1940 houve uma epidemia biográfica associada a uma renovação da biografia, levando alguns a teorizarem sobre a emergência, em terras brasileiras, da chamada biografia moderna<sup>4</sup>. De acordo com seus argumentos, na metade inicial do século XX "a escrita de biografias passou a usufruir de significados e usos alargados entre os intelectuais, letrados, empreendedores do mundo dos livros e seus respectivos leitores"<sup>5</sup>.

Ela nos aponta que esse processo não configurava apenas uma renovação do biográfico, era também uma renovação da própria história, um novo entendimento e a busca pela renovação da escrita da história nacional. Em suas palavras:

*Se a história, enquanto conhecimento disciplinar era, por excelência, um instrumento basilar na edificação da identidade nacional, a discussão de como ela deveria ser escrita, e de que sujeitos deveriam*

*protagonizá-la – os indivíduos, os grupos, ou as forças sociais –, acabava por cruzar com o debate sobre quem de fato construía ou havia construído a nação. Nesse cruzamento tenso, o lugar do texto biográfico era buscado e, por vezes, entendido como a panacéia que poderia resolver tantos impasses.*<sup>6</sup>

Longe de pretender tratar a fundo destas questões aqui, o que buscamos é situar que a obra de Lúcia Miguel Pereira sobre Gonçalves Dias encontra-se inserida neste contexto, até porque Lúcia foi uma das que esteve envolvida nos debates sobre essa renovação da história e da biografia, chegando a afirmar que a biografia seria o melhor meio de se fazer história, pois era o único meio "capaz de fazer com que os brasileiros se interessassem pelas grandes figuras da terra"<sup>7</sup>, atribuindo assim ao gênero um caráter pedagógico que ainda que distinto daquele empregado pelos biógrafos do século XIX não deixava de se pautar em certo tipo de exemplaridade.

Lúcia Miguel Pereira nasceu em Barbacena (MG) em 12 de dezembro de 1901, e mudou-se ainda menina para o Rio de Janeiro, realizando seus estudos no Colégio Notre Dame de Sion. Segundo Marcia Gonçalves, suas amizades com Alceu Amoroso Lima e com o grupo católico organizado em torno do Centro Dom Vital interferiram em sua estréia no mundo das letras com a atuação na *Revista Elo* em 1927-1929<sup>8</sup>. Mais reconhecida por sua atuação como crítica literária em periódicos como a *Gazeta de Notícias*, o *Boletim Ariel* e o *Correio da Manhã*, Lúcia foi também autora de romances – entre eles *Amanhecer* (1938) e *Cabra-cega* (1954) – e de livros infanto-juvenis como *A fada menina* (1939) e *A floresta mágica* (1943). Entretanto, nesse estudo, daremos enfoque a sua atuação enquanto biógrafa.

Em 1936 Lúcia lança *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*<sup>9</sup>, onde apresenta ao leitor um novo tipo de biografia, uma biografia onde a narrativa é conduzida por uma busca da autora em "fazer viver" e ao mesmo tempo compreender o seu biografado, nesse caso específico, através das "pistas" deixadas por Machado em sua obra. Quem está em cena neste sentido não é o sujeito pré-condicionado a algo e sim o sujeito humano fragmentário, com todas as suas dúvidas e inquietações; era assim, uma busca por apresentar o biografado no máximo de sua condição humana<sup>10</sup>. Após percorrer este caminho na busca por um entendimento de Machado de Assis, Lúcia decide-se então por (re)conhecer Gonçalves Dias, e é esse o ponto que nos interessa aqui.

*A vida de Gonçalves Dias*<sup>11</sup> é publicado em 1943 pela editora José Olympio como volume integrante da Coleção Documentos

Brasileiros, dirigida então por Otávio Tarquínio de Sousa, também biógrafo (autor das biografias dos *Fundadores do Império do Brasil*) e marido de Lúcia. No prefácio ao livro, escrito em dezembro de 1941, Lúcia justifica a obra dizendo que já acalentava o projeto há cinco anos, pois depois de escrever sobre Machado de Assis ficara tentada a "estudar o nosso primeiro grande poeta depois do nosso maior romancista, de unir de algum modo esses dois mestiços admiráveis"<sup>12</sup>, deixando claro assim, logo no início, que seguiria uma abordagem onde a questão da raça seria crucial em sua interpretação de Gonçalves Dias, como o fora em Machado.

Tento consultado não só o arquivo de Antonio Henriques Leal<sup>13</sup>, que havia sido recém doado por seu filho, o general Alexandre Leal, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), como o arquivo pessoal de Nogueira da Silva, este último constituindo-se, segundo ela, em mais do que um arquivo de raro valor, mas em um ambiente de culto a Gonçalves Dias<sup>14</sup>, ela deixa claro que foi sua intenção, desde o início, citar a maior parte dos documentos a que teve acesso, ainda que isso tornasse "pesado" o livro e por vezes quebrasse a unidade da narrativa. Procedeu assim por entender que era o mais correto e até mais honesto, deixando "sempre que possível, falar o próprio Gonçalves Dias"<sup>15</sup>.

Lúcia afirma ainda que apenas na transcrição do Diário do Rio Negro – texto inédito, resultado da viagem de Gonçalves Dias ao Amazonas, quando da sua participação na Comissão Científica de Exploração e que é apresentado por ela em apêndice à biografia – adotou o critério de resumir<sup>16</sup>. Já no caso do diário da última viagem à Europa, transcrito no *Pantheon Maranhense*<sup>17</sup>, e que segundo ela, se resumido perderia muito do valor causado pelas emoções descritas no relato, optou por apresentá-lo na íntegra em meio à narrativa. Das cartas diz que aproveitou o máximo possível embora, pelo fato de serem numerosas não pudessem ser reproduzidas integralmente. Dessa forma, ela diz que

*com tantas citações, perdeu certamente o livro aquela coesão estrutural das biografias bem delineadas, mas Gonçalves Dias ficou mais em valor, dominando – e até acachapando, se quiserem – a obra que lhe é consagrada*<sup>18</sup>.

Vemos assim ela expor o seu entendimento de qual seria o melhor modelo de biografia, fundamentalmente estruturada em base documental – tal como a história –, deixando o biografado "falar". Entendimento esse pautado em certo modelo da chamada biografia

moderna que segundo Marcia Gonçalves, ao recuperar os critérios defendidos por André Maurois, deveria entender o biografado como "uma verdade a ser construída a partir de um método de investigação pautado no abandono de quaisquer idéias preconcebidas e no levantamento de toda a documentação disponível"<sup>19</sup>. Nesse tipo de biografia, o biógrafo deveria ainda utilizar-se da estética do romance para sensibilizar o leitor e "fazer viver" o biografado, mas sem cair no mero elogio dos panegíricos comuns no século XIX.

Lúcia entendia que a biografia era o melhor meio de se fazer história e para Marcia Gonçalves, dentro destes desdobramentos da biografia renovada existiria um redimensionamento dos valores da identidade nacional, onde a biografia, enquanto "melhor forma de se fazer história" deveria também edificar a fisionomia nacional<sup>20</sup>. Parece-nos então que Lúcia com suas duas biografias – Machado de Assis e Gonçalves Dias – tinha a intenção de ressaltar a característica mestiça do país, apresentando-nos dois "mestiços admiráveis" para ao mesmo tempo demarcar a singularidade da nação, no que diz respeito ao povo que a constitui e as particularidades destes notáveis, que como *indivíduos e brasileiros* são apresentados com todas as incompletudes e dilemas do ser humano, aumentando assim o grau de identificação do leitor.

No caso particular de Gonçalves Dias, Lúcia desenvolve a chave do *homem de meia cor e meia classe*, para caracterizar o homem filho de pai português e mãe de origem indefinida (não se sabe se índia ou cafuzal), fruto de relação ilegítima e por tudo ou, além disso, sem posição social definida. É com essa chave que ela vai tentar compreender o "estado d'alma" de Gonçalves Dias, de buscar conhecer, ao máximo, sua personalidade, apresentando ao leitor muito mais o homem, em sua condição de sujeito fragmentário, do que a obra ou o gênio transcendente, empreendendo uma biografia psicologizante com certa inspiração de autores como Lytton Strachey<sup>21</sup>.

Nesse caminho, Lúcia percorre a vida de Gonçalves Dias do nascimento à morte, começando por ressaltar a importância de sua origem ao falar tanto da nota autobiográfica escrita pelo poeta a pedido de Ferdinand Denis, onde ele relaciona seu nascimento ao "nascimento" de sua pátria e que ela usa como ponto inicial de sua narrativa, quanto da natureza que o cercou na primeira infância e do sofrimento a se ver afastado da mãe ainda menino, quando seu pai, João Manuel, "despede-se" de Vicência (a mãe do poeta) para casar-se com D. Adelaide (a madrastra). Construindo uma narrativa repleta

de referências pessoais de Gonçalves Dias, seu cuidado é em tentar ao máximo expor o biografado em seu íntimo, com suas dores, angústias, sofrimentos, alegrias e esperanças.

Assim, ao falar da partida de Gonçalves Dias para Coimbra, para onde ia com o fim de dar prosseguimento aos estudos, ela diz que

*la cumprir o seu destino intelectual, fugindo ao estreito meio em que nascera... e ia também cumprir seu destino de sofredor, enfrentando sozinho a vida, devendo à generosidade alheia o pão que comia, as roupas que vestia, os livros em que estudava, o jovem Gonçalves Dias, possuidor de seis moleques, de um apaixonado e sofredor temperamento poético, de uma lúcida, positiva inteligência, e de uma imensa, invencível ambição.*<sup>22</sup>

Sua interpretação de Gonçalves Dias é profundamente marcada pelos estudos de Gilberto Freire, principalmente no que diz respeito às questões sociais e de raça. Baseia-se nele inclusive para analisar a obra do poeta, chegando a afirmar que "seu indianismo teria de fato o caráter de reação contra a superioridade do branco que o sociólogo do Recife denuncia no romantismo brasileiro"<sup>23</sup>. Seguindo este caminho, Lúcia estabelece ainda a interpretação de que em sua condição mestiça, Gonçalves Dias identificava-se muito mais aos índios ou mesmo aos negros (cuja "influência" em sua origem não é confirmada) do que ao português, cujo sangue, segundo ela, ele desprezava.

É com base nesses critérios que ela analisa, por exemplo, O *canto do Índio*, poema de Gonçalves Dias datado de 15 de março de 1845 e que para ela é chave também para interpretar suas impressões ao retornar a Caxias (no Maranhão) depois dos anos de estudo em Portugal<sup>24</sup>. Nestes versos Gonçalves Dias canta a paixão de um índio por uma mulher branca que ele vira banhando-se em um rio. Para Lúcia, que o interpreta como único documento deixado sobre este retorno a sua terra natal,

*Não é pois impossível que este tivesse uma origem real, que uma bela banhista descuidada houvesse sido percebida pelo poeta; a indicação do momento em que a viu, o por do sol, não parece apenas fruto de imaginação. E nada mais natural do que deixar-se o poeta, tão sensível aos encantos femininos, empolgar pela visão, e em torno dela tecer todo um poema de amor. O que é estranho, interessante, talvez sintomático, é ter sentido essa mulher branca como se fora um Índio. Teria sido o filho de Vicência dominado pelo sangue indígena ao pisar*

*na terra de seus avós? Ter-se-ia sentido Índio o moço mestiço, a despeito da cultura coimbrã e do canudo de bacharel? Essa viagem, essa navegação solitária pelo rio que cortava a bravia terra maranhense, ainda tão povoada de Índios era uma tomada de contacto com tanta coisa esquecida, uma volta ao passado, ao próximo passado da infância, ao longínquo passado da raça. E Gonçalves Dias, subindo o rio numa piroga, reagiu como Índio às impressões que o assaltavam.*<sup>25</sup>

A biógrafa também tenta encontrar explicações para a tristeza e melancolia infundável do poeta. Sentimentos que transparecem em suas cartas, poemas, diários... e que em seu entender era marca indelével de sua personalidade *romântica*, tomando por romântico, efetivamente a sua vinculação ao movimento literário do qual hoje é símbolo no que diz respeito à poesia brasileira, marcadamente em sua vertente indianista. Encontra ainda outro motivo, segundo ela condicionado pela reunião de todos os outros fatores – dos preconceitos românticos, da insatisfação de mestiço, da instabilidade social e da saúde precária – e que o marcaria profunda e definitivamente: a incapacidade de fixar amor em contraste com uma necessidade vital de afeto, de constância na amizade e um profundo horror a solidão. Novamente em uma interpretação psicológica Lúcia aponta nesse sentido que

*Muito sensível à sedução feminina, Gonçalves Dias correu a vida toda atrás de uma mulher ideal, só tendo sido fiel ao amor que não realizou*<sup>26</sup> – talvez justamente porque o não tenha realizado.<sup>27</sup>

Notamos assim as particularidades da biografia feita por Lúcia Miguel Pereira. Sintoma de uma época, como o foram também todas as outras biografias do poeta, e como o é todo tipo de escrito, seja ele histórico, biográfico ou literário, ela é ainda importante por reunir em si como fonte e bibliografia as narrativas escritas por Bulhão Pato, Antonio Henriques Leal e Joaquim Manuel de Macedo, além de tantas outras. Nela percebemos o trabalho minucioso de alguém que buscava a excelência na escrita da história e da biografia, chegando a afirmar que

*(...) a pesquisa não basta; sem a sensibilidade para poder se pôr no lugar dos homens do passado, para compreendermos a situação, sem espírito de crítica e de síntese para apreender o sentido dos acontecimentos, o ensaio histórico não passará de relatório. Afinal,*

*escrever história, e sobretudo escrevê-la em forma de biografia, pondo em primeiro plano um homem, é uma forma de criação.*<sup>28</sup>

Nas palavras de Marcia Gonçalves, Lúcia Miguel Pereira, como escritora e crítica "sublinhava as interfaces da biografia com a literatura e dessa, por sua vez, com o imaginário nacional"<sup>29</sup>, ação que sem dúvida estava de acordo com o movimento da chamada biografia moderna, que uma vez "humanizando" seus personagens, serviria de estratégia para a renovação da escrita da história nacional<sup>30</sup>.

Nesse sentido, parece-nos sintomático que ao escolher aqueles que iria biografar, Lúcia não tenha se detido aos nomes do cenário político e militar, ao contrário, tenha voltado-se não só para o mundo das letras, mas principalmente para "dois mestiços admiráveis", para dois homens que em suas vidas enfrentaram dificuldades de todas as ordens e ainda assim conseguiram construir através de suas obras um nome que era e é reconhecido dentro e fora de seu país.

Se considerarmos que como aponta Márcia Gonçalves, no entender dos intelectuais do início do século XX, as biografias, uma vez que desenhavam as contradições de uma vida individual, em suas mediações sociais e culturais, cumpriam um papel de redescobrimto do homem e do Brasil<sup>31</sup>, podemos entender que Lúcia parecia caminhar no sentido de apresentar ao Brasil os brasileiros, através de dois nomes notáveis sim, mas de notáveis que tinham a particularidade de provirem de origem humilde e que expostos em todas as suas incompletudes, fragilidades e desafios superados, serviriam para conquistar o leitor pela semelhança, cumprindo assim a função que ela mesma havia atribuído à biografia, que era a de fazer com que os brasileiros se interessassem pela história.

Para Luís Viana Filho, a chamada biografia moderna tinha a finalidade de nos proporcionar, em traços vivos e claros, o retrato de um homem considerado sob todos os seus aspectos e nela tanto interessariam as questões históricas que estivessem ligadas ao biografado, quanto os simples atos de sua vida, desde que estes fornecessem elementos necessários ao conhecimento da individualidade do personagem. Para ele, na busca por esses elementos, a biografia lançaria mão da história, da crítica e da psicologia, mas sem se subordinar a nenhuma delas, pois encontraria

fim em si mesma, na busca por oferecer-nos uma visão de conjunto de uma vida considerada em sua totalidade<sup>32</sup>.

Foi esse então o método utilizado por Lúcia para escrever *A vida de Gonçalves Dias*. Lançando questões a si própria e ao leitor a medida que ia descrevendo as passagens da vida do poeta, Lúcia utilizava-se da psicologia para fundamentar suas interpretações e argumentos sobre as ações de Gonçalves Dias, construindo uma narrativa onde a indagação, a dúvida, o talvez, adquirem grande valor, principalmente ao levar o leitor a se sensibilizar com o biografado. É esse, por exemplo, o recurso utilizado por ela ao narrar o naufrágio do Ville de Boulogne no qual o poeta vem a falecer em 1864, comentando já na penúltima página que "Talvez houvesse palmeiras no trecho da costa que avistou, talvez ao menos isso – apenas isso – lhe haja concedido o destino"<sup>33</sup>, para finalizar sua biografia com as seguintes palavras:

*Teria o espírito intrépido conservado a lucidez? Teria Gonçalves Dias morrido como desejava, como tantas vezes pedira, com o nome de Teófilo e da Amada nos lábios? Não lhes pôde legar o último sorriso, e sua última lágrima, como desejara – mas, se estava em si, legou-lhes certamente o seu último pensamento. Teófilo e Ana Amélia, a amizade e o amor, eram o que de melhor lhe dera a vida. Amando e sofrendo cumpria o seu destino de homem e de poeta.*<sup>34</sup>

Lúcia usou assim das melhores técnicas do romance para tornar envolvente a narrativa, usou a psicologia para tentar desvendar os "estados d'alma" de Gonçalves Dias e a história, para mostrar como este letrado esteve inserido nos processos de construção e consolidação da identidade nacional. Em sua narrativa ela conseguiu ao mesmo tempo o que se espera da história, ao dar voz ao poeta através de seus documentos, e o que se espera da literatura, ao abrir espaço para sua criação literária indagando-se sobre seus sentimentos. Assim, Lúcia fez de sua biografia de Gonçalves Dias aquilo que ela almejava, uma forma de criação.

#### Notas de Referência

- \* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), orientada pela Professora Doutora Márcia de Almeida Gonçalves. Contato: andreacamila@oi.com.br
- 1 MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris. PUF, 1984.
- 2 IDEM. Pág. 16. Grifo no original.

- 3 DIAS, Gonçalves. Carta n° 43 a Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, de 11 [13] e setembro de 1847. In: ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL. *Correspondência Ativa de Gonçalves Dias*. Vol. 84. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação, [1964] 1971. Pág. 91. Grifo nosso.
- 4 GONÇALVES, Marcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Otávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. Pág. 97.
- 5 IDEM, Pág. 103.
- 6 IDEM, Pág. 128.
- 7 PEREIRA, Lúcia Miguel. *Apud* GONÇALVES, Marcia de Almeida. *Em terreno movediço*. *Op. Cit.* Pág. 125.
- 8 GONÇALVES, Marcia de Almeida. "Mestiço, pobre, nevropata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira". In: GOMES, Angela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Memória e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. Pág. 192.
- 9 PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1888.
- 10 Para maiores informações sobre o Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira ver: GONÇALVES, Marcia de Almeida. "Mestiço, pobre, nevropata". *Op. Cit.*
- 11 PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- 12 IDEM, Pág. 05.
- 13 Amigo de Gonçalves Dias e autor do *Pantheon Maranhense*, obra onde se encontra a primeira biografia do poeta.
- 14 PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. *Op. Cit.* Pág. 06.
- 15 IDEM, Pág. 7.
- 16 Vale ressaltar que Lúcia não foi simplesmente a responsável por levar a conhecimento público este material, foi também a responsável por transcrevê-lo do manuscrito original, escrito a lápis por Gonçalves Dias e em condições que tornam sua leitura um verdadeiro exercício de decifração.
- 17 LEAL, Antônio Henriques. *Pantheon Maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos*. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1987. 2ª edição. Tomo 2.
- 18 PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. *Op. Cit.* Pág. 07.
- 19 GONÇALVES, Marcia de Almeida. "Mestiço, pobre, nevropata". *Op. Cit.* Pág. 201.
- 20 GONÇALVES, Marcia de Almeida. *Em terreno movediço*. *Op. Cit.* Pág. 132.
- 21 Lytton Stranchey (1880-1923) tornou-se nome emblemático na Inglaterra ao escrever biografias onde os homens e mulheres desciam de seus panteões para personificarem a grandeza e a miséria de suas condições humanas, como em *Eminent Victorians*, publicado em 1918. Sua casa

- foi um dos pontos de encontro do grupo de Bloomsbury, nome de um bairro de Londres e que passou a designar um grupo de amigos que, compondo um círculo de escritores, intelectuais e artistas, do qual participavam Leonar e Virginia Woolf, Arthur Waley, Clive e Vanessa Bell, entre outros. Cf. GONÇALVES, Marcia de Almeida. *Em terreno movediço*. *Op. Cit.* Págs. 157-158.
- 22 PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. *Op. Cit.* Pág. 31.
- 23 IDEM, Pág. 110.
- 24 Gonçalves Dias chegou a Portugal em outubro de 1838 e lá permaneceu até fevereiro de 1845.
- 25 IDEM, Pág. 56.
- 26 Lúcia refere-se aqui a Ana Amélia Ferreira do Vale, prima e cunhada Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, melhor amigo do poeta, e por quem ele se apaixonou, mas cujo pedido de casamento feito por ele a mãe da jovem foi recusado, ao que parece, por ser ele um mestiço de origem ilegítima.
- 27 IDEM, Pág. 110.
- 28 PEREIRA, Lúcia Miguel. *Apud* GONÇALVES, Marcia de Almeida. *Em terreno movediço*. *Op. Cit.* Pág. 124.
- 29 GONÇALVES, Marcia de Almeida. *Em terreno movediço*. *Op. Cit.* Pág. 128.
- 30 IDEM, Pág. 128.
- 31 IDEM, Pág. 131.
- 32 VIANNA FILHO, Luis. *Apud* GONÇALVES, Marcia de Almeida. *Em terreno movediço*. *Op. Cit.* Pág. 196.
- 33 PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. *Op. Cit.* Pág. 380.
- 34 IDEM, Pág. 381.